

BRAZIL: CHALLENGES AHEAD

Por Ricardo Sondermann

O título da palestra nos remeteria, em um passado recente, á busca de objetivos na construção de soluções, atualização dos serviços públicos às novas tecnologias, educação das pessoas para um novo mundo com perspectivas positivas e exponencias, mas não são os desafios que o Brasil tem pela frente.

Eu trago uma triste notícia: O Brasil não é mais uma democracia plena.

Começo alertando que Bolsonaro não era nenhum membro elegante ou distinto da diplomacia internacional. Um homem simples, falastrão, bruto e com pouca instrução. A mídia e o *mainstream* rotularam Bolsonaro como um inimigo da democracia e um destruidor das florestas. Mas a realidade é um pouco distinta dos matizes midiáticos. Os crimes violentos no Brasil reduziram de cerca de 60 mil para 40 mil mortos por ano neste período de 4 anos, ainda um absurdo, mas uma redução de 50% graças a possibilidade dos brasileiros de terem armas, antes um privilégio das forças armadas e da bandidagem. Nossa inflação no período pandêmico e pós foi 40% menor do que a média europeia. Minorias não foram dizimadas e a floresta amazônica teve sim, sua área desmatada, mas em ritmo muito menor do que nos governos petistas.

O entendimento do que é correto, do que é justo ou o que é justiça foi substituído pela malandragem, pela corrupção, por um sistema de justiça não mais a cargo de juízes, mas de advogados. O subterfúgio fugaz da “fake News” é utilizado pela mídia e governantes como ato para calar qualquer voz dissonante. Para os “neo-opressores” existem apenas a esquerda e a extrema-direita, e o que não lhes convém é censurado e os porta-vozes eliminados, desmonetizados e cancelados. A mentira venceu disfarçada de verdade, a ditadura venceu travestida de democracia, a tirania venceu dizendo-se amante da liberdade.

Dominados agora pela “vanguarda do atraso” (termo lançado pelo jornalista Diego Casagrande no início dos anos 2000) vemos os cargos do governo tomados pelas mesmas pessoas responsáveis pela debacle econômica e moral, não necessariamente nessa ordem, corrupta e inepta que levou o Brasil à bancarrota e que teve a Presidente responsável

legalmente impeachment do poder. Estamos longe de reformas consistentes, positivas e baseadas no bom senso e na moralidade.

Se não bastasse isso, temos um Supremo (sic) Tribunal Federal exercendo uma ditadura judiciária. Onze membros que jamais se sujeitaram a uma urna eleitoral, decidem os caminhos do Brasil a seu bel prazer, sendo que 9 destes nem juízes são. Criam leis, formam tribunais, se sentem ofendidos, criam processos, julgam, condenam, prendem e multam baseado em seus caprichos narcisistas, distantes léguas das leis que prometeram cumprir e da constituição que juraram defender. Dobram e interpretam as leis de acordo com seus interesses pessoais e ideológicos.

(Alguns exemplos:

- O Sr. Gilmar Mendes não se considera desimpedido de votar uma causa sendo este mesmo juiz padrinho de casamento do réu.
- O Tribunal Superior Eleitoral caça o deputado Deltan Dallagnol, - eleito com 350 mil votos -, porque ele poderia fazer um crime.
- O STF caça e manda prender o Deputado Daniel Silveira por dar opiniões, em que pese o pronunciamento fosse virulento -, mesmo tendo ele recebido um indulto presidencial, que não pode ser caçado.)

Por outro lado, o STF liberou o atual presidente Lula, condenado em várias instâncias por um erro de código postal e sucessivamente libera traficantes e lhes devolve o patrimônio. Mais recentemente, em que pese a barbárie das invasões do 08 de janeiro em Brasília, o mesmo STF manda prender cerca de mil e duzentas pessoas sem processo, sem individualização dos casos e os mantem presos à revelia, impedindo acesso aos autos pelos advogados de defesa.

Estamos sim, vivendo o nascedouro de uma ditadura. O atual presidente, o queridinho da esquerda europeia já declarou seu apoio à Rússia de Putin. Romênio Pereira, Secretário de Relações Internacionais do PT, em evento na Rússia (“Fórum de Combate ao imperialismo”), responsabilizou os EUA pelo “golpe” contra Dilma Rousseff e a expansão da NATO pela guerra na Ucrânia. Lula declarou em 16 de abril que “a decisão da guerra foi tomada pelos dois países”. Em abril de 2022, o ainda candidato Lula disse que “tem que avisar o Putin, avisar para o presidente da Ucrânia que parem com essa guerra... a razão para essa guerra, por tudo que eu escuto, seria resolvida aqui no Brasil numa mesa tomando cerveja ... se não na primeira, na segunda”.

Na reunião recente do G20 fugiu do líder ucraniano fingindo estar lendo um documento e nada falou sobre a guerra, embora se coloque como um intermediário eficiente. Tem recebido navios de guerra iranianos em portos do Brasil, foi a China reafirmar a reforma agrária, a OEA pediu que na próxima reunião que pretende aprovar uma resolução contra a Nicarágua e a ditadura de Ortega, que retire estas críticas que considera inapropriada.

No Brasil recebeu de braços abertos o ditador da Venezuela. À Maduro disse “se eu quiser vencer uma batalha, eu preciso construir uma narrativa para destruir meu potencial inimigo. Você sabe a narrativa que se construiu contra a Venezuela, de antidemocrática e do autoritarismo”. A Venezuela, “vítima da narrativa”, tem 90% de sua população na miséria, alimentando-se de lixo gerando cerca de 7 milhões de refugiados. Números maiores do que as guerras na Ucrânia, Líbia ou Síria. Lhes pergunto: É uma narrativa?

Isso não é uma ilusão de ótica, não são apenas palavras, são atos. E contra fatos não há argumentos a não ser que vamos, como disse o presidente do Uruguai “tapar o sol com um dedo”.

Peço que me desculpem, mas como presidente da Churchill Society Brasil não resisto citar Winston Churchill. Entre 1929 e 1939 Churchill viveu seus “anos de ostracismo”. Ao perceber a ascensão de Adolf Hitler na Alemanha, seus métodos violentos de obtenção de poder, o rearmamento da Alemanha em contrariedade ao Tratado de Versailles e o ódio aos judeus e às minorias consideradas não-arianas, foi o primeiro e mais contundente crítico a política de apaziguamento levada a cabo por seu partido e o Governo. Foi repreendido por diversas vezes na Câmara dos Comuns e tido como um bufão ou um inconsequente. Acabou por declarar que “o apaziguador é aquele que alimenta o crocodilo com a esperança de ser devorado por último”. Cabe aqui um similar alerta sobre os rumos do Brasil.

O Brasil e os brasileiros estão alertas. “O preço da liberdade é a eterna vigilância”, já disse John Philpot Curran em julho de 1790. Mas a Europa precisa rapidamente dar-se conta que o Brasil está caminhando a passos largos para uma ditadura profunda e pela mão de seu falso ídolo.

Acorda Europa.

Obrigado.